

REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

LINDANOR CELINA E O TEATRO: UMA CRÔNICA NO TEMPO-FOI

LINDANOR CELINA AND THEATRE: A CHRONICLE ON THE PAST TIME

José Denis de Oliveira Bezerra

RESUMO

Este artigo tem por finalidade apresentar a relação da escritora Lindanor Celina com o teatro paraense. Com grande destaque na produção ficcional (romances e crônicas), Lindanor estabeleceu, em sua trajetória artística, um importante encontro com a produção teatral paraense, por meio de sua produção crítica e artística. Nesse momento de comemoração de 100 anos de seu nascimento, é importante escrever sobre as memórias de Lindanor do e sobre o teatro.

Palavras-chave: Lindanor Celina. Teatro Amador. Belém. Crônica.

ABSTRACT

This article aims to present Lindanor Celina relationship with the theatre in Pará (Brazil). The writer of a remarkable work (novels and chronicles) has established a relationship with theatre through her critical and artistic production. On the time that we celebrate her centennial we believe that it is important to write about her memories on and from theatre.

Key words: Lindanor Celina. Amateur Theatre. Belém. Chronicle.

Introdução

Escrever sobre Lindanor Celina é um ato de reminiscências. Uma escritora que se dedicou sempre a tecer memórias, a criar universos poéticos resultantes de um profundo mergulho nas lembranças individuais, coletivas. Celina é dessas escritoras que adentra nossas vidas de forma forte, impactante. Sua ficção transborda lirismo, um lirismo muitas vezes marcado pelo trabalho com a linguagem, que tanto esteve presente em sua vida. Poderíamos dizer que Lindanor é aquela que criou itaiaras, e como uma fazedora de sonhos, nos proporciona narrativas marcadas pela tinta da recordação.

Lindanor Celina tem uma produção que vai além de sua ficção, momentos importantes de participação, reflexão e experimentação com outras linguagens artísticas. Entre elas, a arte teatral. É sobre essa relação que este artigo surge, com o objetivo de registrar a participação dessa importante mulher paraense na história contemporânea das artes locais, principalmente com o teatro.

Escrever sobre Lindanor Celina e o teatro paraense é abrir caminho para seus leitores conhecerem essa parte de sua trajetória, silenciada pelo tempo. Além disso, é a possibilidade, também, para a historiografia do teatro paraense de perceber sua importância para essa linguagem artística.

Dessa maneira, a partir de um trabalho de levantamento de fontes, da leitura de suas crônicas e seus romances, este texto exporá sua participação no teatro paraense, em mais de

duas décadas de relação. Falaremos da Lindanor Celina como crítica-cronista de sua época, que através desses textos construiu importantes relatos da produção cultural cênica de nossa cidade, principalmente a partir do movimento de teatro amador paraense, entre as décadas de 1950 a 1970. Além disso, registramos sua atuação como aluna, atriz e professora de teatro.

A experiência de Lindanor com o teatro foi tão forte que, mesmo longe dos tablados, ela marca essa relação, ora em sua ficção romanesca, ora nas crônicas, por meio de situações e nomes de artistas locais, nos proporcionando o registro histórico e a própria concepção e relação da sociedade belenense com o fazer teatral. Além disso, encontramos em várias passagens de suas narrativas a forte presença das metáforas cênicas: “eu num palco?, eu quando?, de onde vim, de que oco do mundo saí, para ser desse jeito aplaudida? Mas eu? Uma eu?!...” (CELINA, 1988, p.131).

Crônica e teatro: a escrita ocular da história.

O primeiro registro do contato de Lindanor com o movimento teatral de Belém do Pará, de que se tem registro, se deu pela sua relação com o Norte Teatro Escola do Pará (1957-1962), importante grupo de teatro amador paraense, que entrou para a história do teatro local como o responsável por transformações significativas para a produção cultural.

Os registros que se tem do envolvimento de Lindanor com esse grupo narram que ela participava dos ensaios da obra

Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, na residência dos diretores do grupo, Maria Sylvia e Benedito Nunes, na rua da Estrela, como pode ser visto na imagem abaixo:



ENSAIO GERAL DA PEÇA "MORTE E VIDA SEVERINA" (MAIO DE 1958) EM CASA DE BENEDITO E MARIA SYLVIA NUNES, NA TRAVESSA DA ESTRELA - O ATOR DE ROUPA LISTADA É CARLOS MIRANDA (O "SEVERINO"); OS CARREGADORES SÃO FERNANDO E WILSON PENA - NA PLATÉIA: O DIRETOR DA PRC-S, RÁDIO CLUBE DO PARÁ, DR. EDEGARD PROENÇA, O POETA BRUNO DE MENEZES, A ESCRITORA LINDANOR CELINA E MARIA DE LORDES MEIRA (ESPOSA DE AUGUSTO MEIRA).

Ensaio geral de *Morte e Vida Severina*, na casa do casal Benedito e Maria Sylvia Nunes, 1958.

Fonte: Arquivo pessoal de Paraguassú Éleres.

A convite de Paschoal Carlos Magno¹, o NTEP participaria do I Festival de Teatro de Estudante do Brasil, em 1958, na cidade de Recife. O grupo reunia-se na casa do casal Nunes, para ensaios e convidava seus amigos e artistas e intelectuais de referência local, para as sessões. De espectadora, em Belém, Lindanor passaria “à cena”, em Recife. Segundo Éleres (2008, p. 36-37):

a música composta por Waldemar Henrique (estava conosco no Recife), foi executada por um violinista, Eraldo do Monte (hoje, famoso), que encontramos na boate ‘*Delfim Verde*’, na praia de Boa Viagem, indicado pelo pianista Paulo Burgos [...] O diálogo prossegue até o ponto em que, desesperado, Severino revela a intenção de pôr termo à vida:

- Seu José, mestre carpina,

que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

A plateia interrompeu em aplausos, e o clima dramático foi quebrado com a fala das ciganas e dos louvadores e da música de acordeão tocada (fora de cena) por **Lindanor Celina** (grifo nosso).

Porém, além de compor o grupo NTEP, Lindanor Celina fora à Recife como representante do jornal paraense *Folha do Norte*, no qual era cronista. Ela tinha uma coluna, intitulada *Minarete*, na qual encontramos importantes registros sobre a participação do grupo paraense no festival de teatro, entre os meses de julho a setembro de 1958: “Até essa pequena escriba virou importante, como integrante do ‘Norte Teatro Escola’, e por representar a FOLHA DO NORTE, naquele certame” (CELINA, 1959).

A partir de sua *Minarete*² (lugar metafórico escolhido para ver o cotidiano e registrar, através de suas palavras, os fatos e situações; narrar a seus leitores suas impressões da vida, da cidade, da arte), Lindanor escreveu uma série de textos, publicados na *Folha do Norte*, sobre o Festival amador de teatro de 1958, em Recife. Nos dedicaremos a refletir esses relatos sobre a importância da participação do grupo paraense no referido festival, além de analisar a sua recepção desse evento.

¹ O principal nome nacional do teatro amador brasileiro do século XX. Sobre ele e Teatro de Estudante do Brasil, ver: FONTANA (2016); e CARVALHO; DUMAR (2006).

² Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, *Minarete* localiza-se “nas mesquitas, torre alta e fina, com três ou quatro andares e balcões salientes, de onde o muezim conchama os muçulmanos às orações; almádena”.

As narrativas de Lindanor são importantes contribuições para os estudos do teatro amador brasileiro, através dos encontros promovidos por Paschoal Carlos Magno, por ser o testemunho ocular das dimensões históricas de tal empreitada, proporcionando-nos um mapeamento dos significados, para as artes cênicas, contemporâneos à época dos festivais de teatro de estudante universitários brasileiros.

Dentre o conjunto de crônicas, trabalharemos aqui três delas, as quais nos mostram as expectativas de Lindanor, e talvez do grupo todo, com relação ao festival em Recife; os aspectos e impressões do evento como um todo; e o destaque para a apresentação do Norte Teatro Escola, do *Morte e Vida Severina*, e os impactos que a encenação gerou na plateia.

A primeira crônica, intitulada “O destino é Recife” (CELINA, 1958), tem por objetivo relatar ao leitor o retorno de Lindanor Celina ao Brasil, após passar um tempo na Europa, destacando sua ida, rápida, à Recife. “Desta vez não irei longe, nem me demorarei muito. Será curto o voo, mas nem por isso deixarei de encontrar nele novidades para contar aos meus fiéis leitores”. Em seguida, ela relata o motivo de sua viagem:

Todos já devem ter sabido, através dos jornais, do próximo Festival de Teatro de Estudante a ser realizado nestes dias em Recife. Mas o que muitos não fazem a ideia desse acontecimento que, em verdade, será o mais notável destes últimos vinte anos, no gênero, no Brasil. Vamos ver se consigo dizer-lhes algo a respeito, a fim de que

façam uma imagem, ainda que imprecisa, desse magnífico certame de arte e cultura.

Percebe-se as expectativas que a classe teatral tinha com relação ao festival de 1958, por representar um evento que proporcionaria o encontro de vários estudantes brasileiros envolvidos com a produção teatral amadora. Um evento cultural singular, pela sua abrangência e significados históricos, devido ao próprio espírito social, político e econômico pelo qual o país atravessada, com as pautas desenvolvimentistas do governo JK. Isso é tão evidente que o próprio Presidente da República estaria na solenidade de abertura do festival.

Segundo nos contam os cronistas lá do sul, mais bem informados e atualizados no assunto, a festa será um deslumbramento. Tudo dela é importante, a começar pelos patrocinadores: Presidente Juscelino Kubitschek, Ministro de Educação e Cultura, Universidade do Recife, e outras personalidades notáveis. Os convivas não são menos excelsos – escritores famosos, jornalistas e radialistas de renome, em como membros do júri, figuras ilustres na literatura e nas artes. Vinte e dois grupos teatrais universitários estão inscritos para esse encontro de Arte, Beleza e brasilidade. Será um acontecimento semelhante aos que no gênero já tem sido realizado na Alemanha e outros grandes países do mundo.

Além disso, Lindanor relata a presença de um conjunto de pessoas, presentes no alto escalão do governo JK, e que faziam parte do universo acadêmico universitário e cultural da época, como ministros de estado, jornalistas e críticos de teatro, além de artistas renomados, como o ator paraense Sérgio Cardoso. Somado

a isso, percebemos, por meio das palavras de Lindanor, as expectativas e o ambiente criado em Recife, para a realização desse evento.

Todo o Recife prepara-se para festejar condignamente essa festividade que terá a duração de doze dias. O prefeito iluminará feericamente toda a cidade e, em homenagem ao Festival, será promovido um grandioso desfile de frevos e maracatus. Como são numerosos os grupos participantes, teremos em média dois espetáculos diários, e para isso estão já destinadas cerca de dez casas de espetáculo, começando pelo suntuoso teatro Santa Isabel, o mais antigo e um dos mais belos do Brasil. Catedral de São Pedro dos Clérigos, Teatro do Derby, além de faculdades, escolas que puseram seus salões à disposição dos participantes.

A segunda crônica que destacamos, aqui, “Uma revolução no Recife” (CELINA, 1958), fora a primeira escrita por Lindanor à Folha do Norte, de Recife. Segundo a autora, “esse foi o título da primeira crônica que enviei do Recife, e que se perdeu no caminho. Nela eu relatava minhas impressões sobre a terra maurícia e contava da verdadeira ‘revolução’ que se operou naquela cidade com o advento do I Festival Nacional de Teatro do Estudante”.

Nesse texto, Lindanor narra as primeiras impressões do Festival. Ao mesmo tempo que dá informações gerais do evento, como número de estudantes participantes, o trabalho da imprensa, e a sua recepção e de Benedito Nunes, diretor do NTEP, pelos veículos de comunicação de Recife.

Foi como se um sopro mágico varresse o Recife de ponta a ponta, dando-lhe uma nova e singular alacridade. A alegria correu solta pelas ruas e pontes, e o entusiasmo geral era quase

palpável. Os setecentos universitários com suas flâmulas ao peito tomaram conta da terra. E tudo ali passou a existir como que em função do Festival. Cartas e faixas, saudando, nas principais ruas e avenidas, os estudantes que do Brasil inteiro haviam acorrido ao chamado de Pascoal Carlos Magno, para, em tão magnífica realização, honrar Pernambuco. Imprensa e rádio dedicaram suas melhores páginas e programas a esse movimento cultural e artístico. Até essa pequena escriba virou importante, como integrante do “Norte Teatro Escola”, e por representar a FOLHA DO NORTE, naquele certame. E como tal, foi recebida, benza-a Deus com amáveis honrarias. Dei mesmo duas entrevistas, vejam só, a primeira, como dr. Benedito Nunes, Diretor de nosso grupo, na Rádio Clube de Pernambuco e Rádio Tamandaré; a segunda, na Rádio Jornal do Comércio, ambas, naturalmente, alusivas ao Festival e ao Pará. Assim, só tenho louvores para com a imprensa e o rádio pernambucanos, por acolhida tão cordial e pronta com que receberam, não apenas “Norte Teatro Escola”, o que seria razoável e justo, mas a esta humilde filha da Amazônia.

Em seguida, a cronista procura comparar o evento em Recife aos grandes encontros que aconteciam no teatro Grego antigo, o qual, segundo a tradição crítica, representava o espírito e o modo de vida dos cidadãos gregos. Essa ambientação é uma forma, ao nosso ver, da percepção dessa geração de artistas e intelectuais brasileiros envolvidos com o movimento de teatro amador, entre as décadas de 1940 a 1950, de mostrar como a cultura, principalmente o teatro, era articulada. Ou seja, um elemento de formação e fruição que valorizava o contato com a arte, na ambição de transformar a sociedade e si próprios.

Nesses dias memoráveis, o Recife virou Grécia, e os jardins do Derbi, nas manhãs douradas, eram qual nova Acrópole, onde centenas de jovens, sentados na relva, escutavam, embevecidos, a palavra do espírito e da Arte.

Do Festival propriamente dito, seu vasto programa, seu conteúdo minucioso, contarei depois. Já sabem, todavia, que nele o nosso Pará surpreendeu a todos e a si próprio. Sim, não contávamos, absolutamente com tal êxito, que nos deixou a um tempo encantados e aturdidos. Nossa atuação foi, louvado seja Deus, um dos pontos altos do congresso, e isso nos deixou desvanecidos e emocionados.

Em seguida, o texto destaca o espírito “revolucionário” do festival de teatro realizado na capital pernambucana. Além disso, essa “revolução”, promovido pela beleza da arte, na percepção da cronista, representava o que essa geração buscava, um movimento espiritual, capaz de formar o indivíduo por meio da fruição poética. O teatro, para esse o movimento amador, representava esse lugar capaz de educar, instruir, entreter, e acima de tudo, transmitir o sentimento de transformação social, econômica, e cultural que o Brasil vivenciava, após anos de cerceamento de liberdade de expressão (Estado Novo) e as crises ocasionadas pela Segunda Guerra³.

Nesse sentido, inspirado nos festivais que aconteciam nas universidades europeias, Paschoal Carlos Magno acreditava na força do espírito de mudanças dos estudantes universitários brasileiros. Lindanor Celina, ao mesmo tempo que destaca essas questões, narra um fato que acontecera com um amigo,

relacionando-o aos sentimentos que as próprias obras expostas no festival lhe despertaram, uma mistura de drama e trágico:

Falei que houve uma “revolução”, no Recife. Uma revolução pacífica e bela, e oxalá todas nesse mundo se lhe assemelhassem. E vim encontrar minha terra também revolucionada por um grandioso movimento espiritual. As Santas Missões tomaram conta da cidade, e isso é bom e edificante, Belém também está festiva, voltada igualmente às coisas do espírito, e é grato contatar isso. Mas como a alegria é nessa vida o sentimento mais mesclado, nunca é perfeita nem íntegra, havia eu de experimentar essa tristeza com meu amigo Carlos Lima, a quem deixei na paz e no trabalho honrado, e vim encontrar em desolação amanhã. Por que estranhos e fatais caminhos foi conduzido esse homem que eu conheço pacífico e bom, para chegar a protagonista de tal tragédia? Tragédia e dramas eu os vi, muitos, nesse encontro de Arte, no Recife – “Os Espectros”, de Ibsen; cenas de Hamlet, Othello e Medeia, mas tudo no palco, na ficção. E vim achar o amigo vivendo uma outra, na de mentira, mas autêntica. Estranho mundo este, de tristes surpresas e brutais contrastes!...

Na terceira crônica, “Julgamento de Hamlet”, Lindanor Celina (1958) relata as suas impressões sobre esse momento do festival. Interpretado por Sérgio Cardoso, o personagem shakespeariano foi colocado diante de um tribunal, que julgaria seus atos. Esse júri era composto por importantes nomes do Direito, alguns levados à Recife por Paschoal Carlos Magno.

³ Acerca disso, ver a discussão apresentada por Bezerra (2016).



Sergio Cardoso, no centro, junto com as pessoas que participaria do julgamento de Hamlet. No cato direito está Paschoal Carlos Magno.

Fonte: Revista de Teatro da SBAT/1958⁴.

A crônica de Lindanor parte da ideia de dividir com o público leitor de Belém suas impressões sobre o evento “O Julgamento de Hamlet”, com destaque para o fato desse “espetáculo” não ser apresentado na capital paraense, principalmente para os juristas da cidade, por ela acreditar que esse tenha sido um dos pontos altos do festival, apresentado no Teatro Santa Isabel.

Não sou criatura de usufruir nenhum prazer sozinha. Todas as alegrias de que desfruto, eu as quisera repartir com os demais. E a pena que tive foi de não poder ser proporcionada ao nosso público de Belém, notadamente aos intelectuais, advogados e juristas, aos que militam na Justiça, a oportunidade de assistirem a um tal espetáculo. Porque o “Julgamento de Hamlet” foi uma das coisas mais interessantes que tenho visto nestes últimos tempos. São ainda novidade no Brasil tais julgamentos. Na Europa já se vão fazendo mais frequentes essas encenações teatrais em que são julgados os personagens célebres da literatura universal. E este de Hamlet (Sérgio Cardoso), presidido por Evandro Netto, tendo como acusador o advogado Carlos Araújo Lima e como

defensor o grande criminalista nacional, Evandro Lins e Silva, foi um raro acontecimento. Só os membros do júri constituíam algo de notável – João Condé, Eneida, Elsie Lessa, Pascoal Carlos Magno, além de altas personalidades jurídicas e literárias do Recife.

É importante frisar o exercício intelectual que Lindanor faz nessas crônicas, porque entendemos que o seu objetivo não é apenas informar o seu leitor dos fatos acontecidos, mas ressaltar a importância desses elementos culturais para a formação do indivíduo. Além disso, acreditamos que seja um espaço para o exercício intelectual da própria cronista, uma fiel leitora de literatura, e uma observadora das coisas da vida, que marcará profundamente a sua obra ficcional.

Nunca assisti julgar alguém, sempre fugi de juris, mesmo os mais famosos e sensacionais. E vim dar com este, o primeiro a que assisto, e, que não passou, felizmente, de um julgamento quimérico, e do qual foi réu o imortal personagem de Shakespeare, Hamlet, príncipe da Dinamarca.

O Teatro Santa Isabel, o mais antigo e dos mais belos do Brasil, o mesmo onde ecoaram as palavras de Castro Alves, viveu domingo último um de seus dias memoráveis. O público seletor e entusiasta lotara completamente, todas as dependências daquela casa. Quase não havia lugar nem para se ficar de pé, quando descerrou-se o ano e apareceu no palco a sala do Tribunal de Júri, onde juristas ilustres, criminalistas de renome em todo o Brasil iriam, como atores do fictício julgamento, decidir da sorte de Hamlet, herdeiro do trono da Dinamarca. Ele, Hamlet, dramático e mudo em suas negras roupagens de príncipe de lenda, atraía os olhares da multidão. Um só gesto seu, um volver de ombros, um levantar de olhos, as próprias mãos pálidas e imóveis, transpiravam

⁴ Revista de Teatro da SBAT. Ano XXXVII – Julho-Agosto, 1958 – nº304.

tragédia. Perguntado se tinha advogado, ele não falou, moveu apenas num gesto negativo a nobre cabeça. Mandaram-lhe, então, que alegasse algo em sua defesa, depois de lhe nomearem um defensor (Evandro Lins e Silva). Hamlet declarou nesse momento, e continuou a fazê-lo a intervalos, vários daqueles geniais monólogos, terminando pelas palavras eternas do “Ser ou não ser”.

Foi um julgamento singular, em que o Ministério Público, a acusação nada mais fez do que, analisando o crime de Hamlet, desculpá-lo, baseando-se nos nobres motivos que o determinaram, bem como nos moldes, no conceito de justiça da era medieval, terminando por pedir, num encantador paradoxo, a absolvição do réu. O defensor estava, pois, praticamente sem mais nada a dizer, não tendo contra quem lutar para conseguir uma absolvição já concedida. Mas mesmo assim, e ainda não sendo, como ele o disse um orador, um eloquente, mas apenas um expositor, saiu-se muito bem depois de haver também ele, analisado o seu modo o caráter o caráter e o crime do personagem de Shakespeare.

Evandro Lins e Silva, criminalista famoso em todo o país, considerou sua vinda ao Recife, sua terra, e da qual estava ausente há mais de trinta anos, um milagre. Um milagre de Pascoal Carlos Magno, que logrou, à força de persuasão, trazê-lo à terra natal, e para que? – para um julgamento quimérico, um júri de mentira, um tribunal de lenda.

Hamlet foi absolvido, não apenas pelo Ministério Público ou pelo júri, mas entusiástica e fervorosamente por toda a numerosa assistência. O povo delirava aplaudindo Sérgio Cardoso, que nos dera um magnífico, um inesquecível Hamlet.

Foi na verdade uma grande noite, aquela do domingo, nesta cidade do Recife.



Sérgio Cardoso, o Hamlet julgado no Recife.
Fonte: Revista de Teatro da SBAT⁵.

As narrativas de Lindanor sobre o I Festival de Teatro de Estudante do Brasil são inúmeras. Assim como no passado elas foram escritas para informar aos leitores da época sobre a importância e os fatos do evento, hoje elas representam um testemunho ocular para nossas reflexões acerca desse importante movimento de teatro amador brasileiro; e os impactos desses festivais para a história moderna e contemporânea das artes cênicas nacionais.

⁵ Revista de Teatro da SBAT. Ano XXXVII – Julho-Agosto, 1958 – nº304. A fotografia acompanha um texto do crítico Sábato Magaldi, *O Julgamento de “Hamlet”*, representante do jornal O Estado de São Paulo.



Norte Teatro Escola do Pará reunido em frente à Catedral Sé de Olinda/PE, 1958. Na primeira fila, da esquerda para direita, estão: Carlos Miranda, Lindanor Celina, Sergio Cardoso, Margarida Schivazappa, Maria Sylvia Nunes, Aita Atman. Na segunda fila, da direita para esquerda: Benedito Nunes, Penão, Peninha, Waldemar Henrique e Paraguassú Éleres.

Fonte: Revista de Teatro da SBAT.

Somado a essa importância histórica, as crônicas de *Minarete*, dedicadas ao referido festival de teatro, são narrativas que revelam a preocupação de Lindanor com as artes locais. Textos esses que, de alguma forma, preparava-a para o grande mergulho: a construção de sua obra romanesca. Não sabemos de fato, por meio de registros e histórias, se a autora seria influenciada ou não por esse festival, a se “jogar” no mundo do teatro, porém, podemos apontar que juntamente com o desenvolvimento do Norte Teatro Escola e suas reverberações, Lindanor subiria à cena local, tanto como aluna, atriz e professora (disciplina Estética) da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará. São essas memórias que nos dedicaremos a contar a seguir.

Lindanor Celina e o movimento de teatro amador paraense.

Em 1962, quando o Norte Teatro Escola do Pará encerrou suas atividades,

participando do IV Festival de Teatro de Estudante do Brasil, em Porto Alegre, um novo momento da cena contemporânea paraense se inicia. No mesmo ano, o movimento de teatro amador de Belém, formado por alguns grupos, reuniu-se com o Reitor da Universidade, José da Silveira Neto, e articularam a criação de uma escola de teatro. É oferecido um curso de Iniciação Teatral, que seria um embrião para a criação, em 06 de maio de 1963, do Serviço de Teatro da Universidade do Pará, atual Escola de Teatro e Dança da UFPA⁶.

Essa breve contextualização nos ajuda a entender o significado de uma crônica escrita por Lindanor Celina, em 1962, n’A Província do Pará, na qual ela se dedica a chamar atenção do público leitor para importância do movimento de teatral produzido pelo Norte Teatro Escola, e o papel fundamental, para as artes locais, da criação da Escola de Teatro.

Escrita em novembro de 1962, o texto de Lindanor se dedica a questionar algumas peças de teatro apresentadas na época, peças essas pertencentes ao repertório do chamado teatro comercial, tão criticado pelo movimento amador de teatro das décadas anteriores.

Por meio desse texto, percebemos que havia uma expectativa na cidade sobre os espetáculos produzidos pelo STUP, pois se nota a crítica ao teatro comercial e a necessidade de se construir uma tradição teatral na cidade, que perpassasse pelo “refinamento” do gosto, como relata Lindanor Celina (1962).

⁶ Sobre essas questões, ver o trabalho de Bezerra (2016).

O público quer teatro de verdade, isto não é de hoje. Vivemos nos queixando que o povo só acorre às chanchadas; que quando encenamos algo de mais valia, não tem ninguém pra ver, e isto derrota com o ânimo do artista, dá mesmo uma vontade, vendo a sala oquinha, de largar mão de tudo e cuidar de outra vida. Não fosse a paixão, esta espécie de desvairada pertinácia que o idealismo traz, palavra, os que pretendem fazer teatro em Belém há muito se teriam voltado para outros interesses. Ainda bem que a Arte é assim como um demônio, um santo demônio, que entra na pele dum, e ele fica possesso e só está bem quando está lutando, sofrendo, se consumindo nas labaredas do doce inferno.

O povo gosta de teatro. Mais, anseia, dá a vida por um espetáculo. Não é sua culpa se até agora aprendeu a apreciar quase só o que é ruim, a valorizar o medíocre.

Além de destacar a importância de se ter trabalhos de “qualidade”, a crítica ressalta que havia, na cidade, o esforço de alguns grupos para mudar a cena local, marcada, segundo ela, pela apreciação de trabalhos de má qualidade. É claro que o juízo de valor dado a esse tipo de produção cultural partiam de grupos de intelectuais que viam a arte não apenas como um meio de divertimento, mas como um caminho de mudanças, e proporcionar à Belém trabalhos de possuísem um valor cultural significativo, para eles, estava em suas metas. Não se pode esquecer que esses movimentos queriam transformar a arte teatral da cidade, por meio de uma política cultural que revelasse um teor “elevado”. Lindanor Celina pontua, ainda, que

vez em quando tenho uma prova disso, rara, isolada, mas que dá para manter a

fé no bom gosto latente do público. Não viram como a nossa plateia reagiu bem perante “O Pagador de Promessas”? Quando Norte Teatro Escola levou “A Cantora Careca”, e Cláudio encenou “A Compadecida”, oito vezes encarrilhadas, no colégio Nazaré?

O povo quer bom teatro. Se não vai lá, é que não tem mesmo, não sabe, não foi induzido na arte de pensar um espetáculo, porque ir ao teatro é como ouvir boa música, e aprende (CELINA, 1962).

Percebe-se, no discurso acima, que havia, também, a preocupação de se instruir, de formar um público voltado para essas manifestações culturais, e se esse público não assistia aos trabalhos promovidos pelos grupos da cidade, devia-se ao fato da sua não formação para o “bom” teatro. A partir disso, destaca-se que a criação do STUP significou, para esses intelectuais, a maneira pela qual as artes cênicas no Pará conseguiriam amadurecer, por meio da qualificação dos artistas, além de contribuir com a educação estética da sociedade. Celina relata, ainda:

Mais um indício de tal interesse eu tive, um dia desses, quando, depois da publicação de uma cena de Gil Vicente, várias pessoas vieram a mim, numa curiosidade bem sintomática: “Lindanor, tu és dessas coisas, me conta como é mesmo do teatro de vocês, e conta, que nós queremos ver”.

Expliquei, repetindo mais ou menos o que os jornais têm dito, o que o professor Amir Haddad tão bem explanou em entrevista a um dos nossos matutinos: Que esta será a primeira exibição (após um curto ano letivo – seis meses apenas) do Curso de Iniciação Teatral da Universidade do Pará. Espécie de teste público, onde o examinador será a própria plateia. São quatro peças, mas não se assustem,

cada uma é um ato. Através dela o povo verá o fruto de seis meses de aula do prof. Amir Haddad a seus alunos, alguns dos quais jamais haviam pisado num palco (CELINA, 1962).

Destaca-se, acima, a importância das atividades do recém-criado STUP, que nos seus primeiros meses de atuação levou ao público de Belém quatro peças curtas, as quais mostrariam à cidade não só mais um trabalho teatral, mas a materialização de um projeto cultural para a cidade, como uma espécie de “prestação de contas” das ações elaboradas por alguns grupos locais. No entanto, mesmo com toda a expectativa criada sobre essas atividades, a crítica ressalta que não havia na capital paraense espaço adequado para as apresentações, antiga reivindicação da classe artística, tendo que adaptar espaços, como sempre fizeram, para que ocorressem as apresentações.

Uma pena eu tenho, mas isto é uma velha lamúria: não vemos esse espetáculo no Teatro da Paz. Paciência. A direção e os artistas farão o milagre no auditorium da SAI. Porque os prodígios, mormente os de boa vontade, existem, são deste mundo mesmo, depende de se querer as coisas com entusiasmo e paixão (CELINA, 1962).

Lindanor Celina termina seu texto chamando a atenção dos leitores, público a ser conquistado, para a importância desse projeto cultural que nascia na cidade, e deu, a ele, a incumbência de tornar isso possível. Nesse caso, o povo, a sociedade precisava ser conquistada, pois sem a sua participação efetiva, como público apreciador, o projeto de

uma instituição pública de ensino de artes não conseguiria seu êxito. Porque, além de pensar em obras que tivesse um valor significativo e importante, como os idealizadores desse projeto artístico-cultural no Pará articularam, nota-se que eles desejavam envolver Belém nesse espírito transformador, não só das artes, mas do indivíduo como um todo.

Ora pois, é o público, é você, leitor quem vai apreciar o trabalho dessa equipe. Contamos com você, na certeza de que não nos faltará, nessa temporada teatral de 10 a 15 deste mês, na SAI. Para dizer um SIM animador aos que lutam por algo de nobre e verdadeiro neste Pará. Afirmar-lhes que pedem e devem prosseguir, que não estão sós, mas que têm a seu lado a maior força que existe – o povo (até parece discurso político, mas embarquei sem querer nesse tom e nele vou até o fim). Este povo injustamente acusado de só se divertir com o grasnar de Zé Trindade⁷, as banhas de Violeta Ferraz⁸ ou com as piadas salgadíssimas de Milton Carneiro⁹. Público

⁷ “**Zé Trindade** (1915-1990), pseudônimo de **Milton da Silva Bittencourt** foi um ator, músico e poeta brasileiro, grande comediante de rádio, teatro, cinema e TV, nascido em Salvador, no dia 18 de abril de 1915, e falecido no Rio de Janeiro no dia 02 de maio de 1990. Disponível na página História do Cinema Brasileiro: <http://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/ze-trindade/>

⁸ “Grande atriz cômica do teatro de revista português nascida em Lisboa, radicou-se no Brasil e estreou no cinema em 1938 no filme 'Está Tudo Aí!' dirigida por Mesquitinha, que também atuou no filme. E inicia sólida carreira, em filmes importantes como 'Pinguinho de Gente' (1947) e 'Quero Essa Mulher Assim Mesmo' (1962) [...] Destacou-se nas comédias a partir da década de 40, mesmo tendo reduzido a intensidade de suas apresentações, continuou popular nos anos 60 e 70”. Disponível na página Memorial da Fama: <http://memorialdafama.com/biografiasRZ/VioletaFerraz.html>

⁹ “Ator e comediante, conhecido pela personificação do Atanagildo, o secretário da ‘Escolinha do Professor Raimundo’. Trabalhou também no humorístico ‘Zorra Total’, ao lado de Lúcio Mauro, pela mesma emissora. Com cerca de cinquenta anos de carreira, dedicados

malamado, se recorreu a tão sucedâneos da arte, é que praticamente não lhe ofereceram mais nada. Do momento em que tiver algo de bom para aplaudir, ali estará, rente. Porque, isto eu sinto, o povo, em derradeira análise tem em si, ainda que em germe, escondidinho, o gosto, o saber despertar esse amor (CELINA, 1962).

A reflexão de Lindanor Celina aponta, ainda, a relação dos trabalhos teatrais cômicos, representados pelos artistas mencionados, representantes de uma forma artística criticada pela geração dos movimentos amadoristas. Assim, pontua que o repertório dramatúrgico do STUP conseguiria proporcionar, de fato, espetáculos de qualidade.

A partir de 1966, Lindanor se envolveu com a escola de teatro. Inicialmente como aluna, depois como professora. Nesse mesmo ano, ele iniciava o curso de graduação em Letras e Artes da UFPA e o curso de Formação de Ator na Escola de Teatro. As memórias sobre esses momentos estão presentes em algumas crônicas, publicadas em livros; e em documentos produzidos pela referida instituição (programas de espetáculos, relatórios administrativos, etc.).

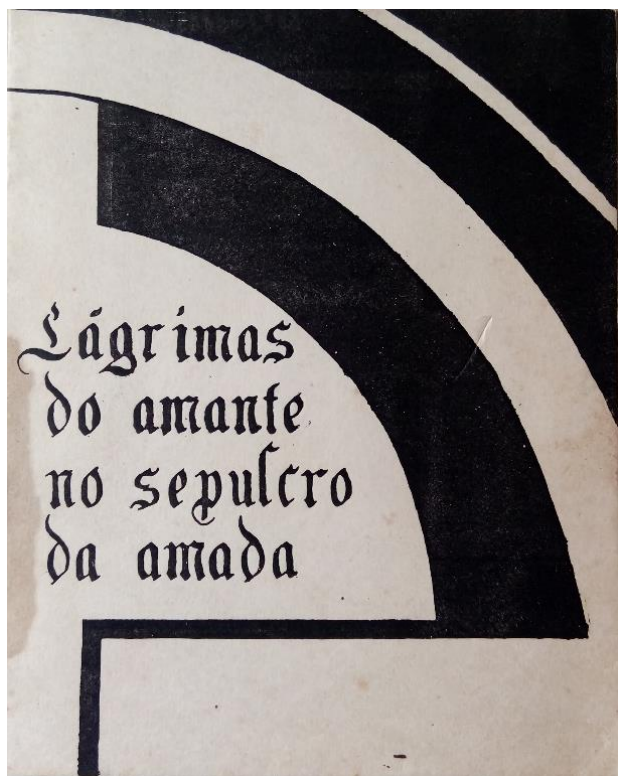
Depois encontramos-nos na Escola de Teatro, primeira turma de alunos, ambos, ele porém já íntimo da cena. E mais tarde, quando Benedito Nunes e Paulo Mendes se aposentaram da dita escola, Cláudio e eu fomos convocados, os dois (eu ainda nem

terminara o Curso), para lecionar, respectivamente, ele, História e Teoria do teatro, eu, Estética (CELINA, 2003, p.23)¹⁰.

Como aluna, sabemos que ela participou de espetáculos produzidos pela Escola de Teatro nos anos de 1966 e 67. No primeiro ano, como atriz da montagem da obra *Lágrimas do amante no sepulcro da amada*, de Claudio Monteverdi. Em parceria com o Centro de Atividades Musicais da UFPA, com a regência e direção do coral feita por Nivaldo Santiago, o espetáculo teve a direção de Margo Giannaccini; produção de Maria Sylvia Nunes; cenografia e figurino de Sarah Feres, vinda especialmente de São Paulo para produzir a cenografia dos espetáculos da Escola de Teatro nesse ano.

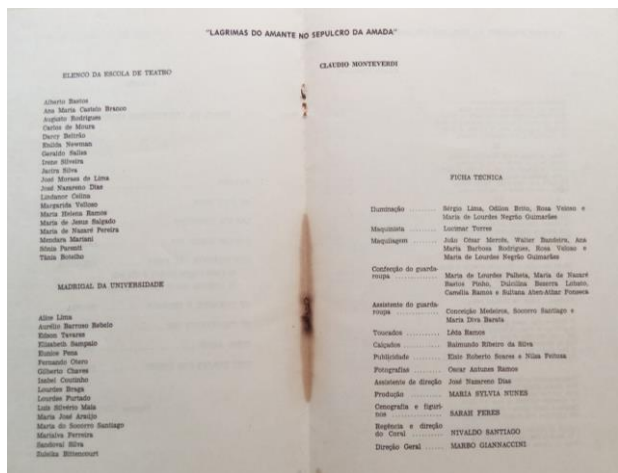
sobretudo à comédia, Carneiro estreou na Rede Globo em 1965 e interpretou desde textos de Bernard Shaw até montagens de teatro mambembe, em seus mais de 50 anos de carreira. Disponível na página Memorial da Fama: <http://memorialdafama.com/biografiasMP/MiltonCarneiro.html>

¹⁰ Lindanor Celina relata nessa crônica, *Meu amigo padre*, publicada em *Crônicas Intemporais* (2003), a sua amizade com o ator e padre paraense Cláudio Barradas. Relembra as parecerias no jornal Folha do Norte, ligados pelo exercício da escrita poética e jornalística; além dos momentos que passaram juntos na Escola de Teatro da UFPA.



Capa do programa do espetáculo *Lágrimas do amante no sepulcro da amada*.

Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Eugênio. M. de Moura¹¹.



Ficha técnica do espetáculo *Lágrimas do amante no sepulcro da amada* (1966).

Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Eugênio. M. de Moura.

Abaixo, a relação dos atores e atrizes do espetáculo, com destaque para, além de Lindanor Celina, Geraldo Salles, Alberto (Albertinho) Bastos, Augusto Rodrigues, José Nazareno Dias, Carlos de Moura, Maria de Nazaré Pereira, importantes nomes das artes cênicas e da música popular paraenses.

ELENCO DA ESCOLA DE TEATRO	
Alberto Bastos	
Ana Maria Castelo Branco	
Augusto Rodrigues	
Carlos de Moura	
Darcy Beltrão	
Enilda Newman	
Geraldo Salles	
Irene Silveira	
Jacira Silva	
José Moraes de Lima	
José Nazareno Dias	
Lindanor Celina	
Margarida Velloso	
Maria Helena Ramos	
Maria de Jesus Salgado	
Maria de Nazaré Pereira	
Mendara Mariani	
Sônia Parenti	
Tânia Botelho	

Sobre o espetáculo de 1967, não temos informações concretas de quais Lindanor teria participado como, atriz. As informações disponíveis são sobre quais foram os trabalhos apresentados pela escola nesse ano: 1º ano, O Tartufo, de Molière; 2º ano, Pedreira das Almas, de Jorge de Andrade; 3º ano, A Mulher Sem Pecado, de Nelson Rodrigues. Pela indicação das fontes, supomos que Lindanor tenha participado do espetáculo Pedreira das Almas, apresentado no Teatro da Paz, já que ela era do 2º ano do curso.

¹¹ Esse material foi pertenceu ao arquivo pessoal de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, que, em 2016, foi doado por ele a mim.



Cena de *Pedreira das Almas* (1967), no Teatro da Paz.
Fonte: A Província do Pará.

Como professora, Lindanor atuou à frente da disciplina Estética, como ela relatou, anteriormente, em uma crônica. Ela substituiu Benedito Nunes, que ministrara o componente curricular de 1963 a 1967, quando ele se retirou da escola de teatro, devido a processos enfrentados, enquanto diretor da instituição, pela ditadura militar.

Essa disciplina tinha por objetivo promover o debate sobre a filosofia da arte, a partir dos conceitos de Belo e da discussão sobre a natureza a função da arte. Abaixo, temos a ementa, organizada por Benedito Nunes, provavelmente a mesma utilizada por Lindanor Celina à frente dessa pasta.

Estética. Filosofia da Arte. História da Arte. Teoria da Arte. Arte e artesanato. Arte e artifício. Arte e Natureza. O Belo e a Arte. Os valores estéticos. Objeto estético. Contemplação. Intuição. A ideia do Belo natural. O sublime, a origem da arte. Magia e religião. Atividade lúdica. Prazer, imitação, projeção. Psicanálise da arte. As condições sociais da arte. Natureza da arte. A presença sensível do objeto estético. Matéria e forma. Forma e conteúdo. Significação e expressão. A linguagem das formas. Representação e abstração. Imagem. Os estilos. Classificação das artes. A correspondência entre as artes. Estética literária. Estética das artes plásticas. Estética de teatro.

Estética do cinema. Arte industrial. A substância das obras de arte. Tradição, inovação e revoluções artísticas. Os movimentos de vanguarda. Os novos condicionamentos do trabalho artístico (GIANNACCINI, 1967).

Essa relação de Lindanor com o teatro ainda é um tema novo, muito a ser explorado. O que foi apresentado aqui é apenas um primeiro exercício de análise e percepção tanto de sua contribuição, quanto os significados para os estudos de história sobre o teatro em Belém do Pará. Mas, antes de dizer até breve, em seguida relato sobre a presença das memórias dessa mulher nos palcos.

Lindanor nas Estradas do Tempo-Foi: das memórias ao palco.

Não poderia escrever um texto sobre a relação entre Lindanor Celina e o teatro sem mencionar o espetáculo produzido em sua homenagem, em 2012-13. É o momento de este que escreve ir à Itaiara, e falar um pouco desse processo de criação de *Lindanor nas Estradas do Tempo-Foi*.

Esse espetáculo foi uma produção do espaço cultural *A Casa da Atriz*, resultado de uma bolsa de pesquisa e experimentação artística conquistada em 2012, no antigo Instituto de Artes do Pará, hoje Casa das Artes, da Fundação Cultural do Pará. Juntamente com Luciana, Juliana, Paulo e Yeyé Porto, mais Néder Charone e Leocir Medeiros, mergulhei profundamente na vida e na obra dessa importante autora paraense.

Nesse processo, dividi com Luciana Porto a direção do espetáculo, e junto com toda

equipe, nos dedicamos a ler e estudar sobre Lindanor. Mergulhamos em suas correspondências, crônicas, romances, memórias de amigos, fotografias e fomos até Itaiara, e costuramos, cerzimos uma colcha de retalhos.

A peça foi construída a partir da trajetória de Irene, em três romances: Menina que vem de Itaiara, Estradas do Tempo-Foi, e Eram Seis Assinalados. Fizemos um exercício hercúleo de depuração do texto. Chegamos às crônicas de A viajante e seus espantos, Diários da Ilha, Crônicas Intemporais. Absorvemos muitas de suas metáforas, e nos alimentamos de seu Pranto por Dalcídio.

Foram muitas idas e vindas à Itaiara, à Lisboa, à Paris tão bem construídas pelas lembranças de Lindanor. E em dezembro de 2012, iniciamos essa viagem. Pegamos o trem que nos conduziu aos palcos e Linda, aquela que tanto escreveu sobre o teatro dos outros; estudou e deu aula dessa arte, agora ela estava ali, por meio de nosso trabalho, num palco, logo uma ela, como dizia, o que ela teria feito para merecer isso? De que oco-mundo saiu? Saiu de suas lembranças, de sua existência, de sua escrita-vida-luta-viagens...

Retorno ao início desse texto, para descer nessa estação. Escrever sobre Lindanor é um mergulho às reminiscências. Com ela aprendo, aprendi? a sentir, a como lidar com elas, como amá-las, como vivenciá-las: as palavras. Após a sua morte, suas cinzas foram jogadas na baía do Guajará, neste mesmo rio que agora olho de minha janela, e que é

banhado pela chuva da tarde, alimentando minhas memórias. Sinto daqui a tua presença, neste encontro das águas que vem do céu e se jogam ao teu corpo-rio.

Referências

BEZERRA, José Denis de Oliveira. *Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)*. Tese de Doutorado. História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, UFPA. Belém, 2016.

CARVALHO, Martinho de; DUMAR, Norma. *Paschoal Carlos Magno: crítica teatral e outras histórias*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2006.

CELINA, Lindanor. *Último dia de aula*. In: A viajante e seus espantos. Belém: Cejup, 1988.

_____. *Uma revolução no Recife*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, agosto de 1958.

_____. *O destino é Recife*. Jornal Folha do Norte, coluna Minarete, julho de 1958.

_____. *Uma revolução no Recife*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, agosto de 1958.

_____. *Julgamento de Hamlet*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, julho de 1958.

_____. *O público quer bom teatro*. Jornal A Província do Pará, 2º Caderno, novembro de 1962.

FONTANA, Fabiana Siqueira. *O Teatro do Estudante do Brasil de Paschoal Carlos Magno*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

GIANNACCINI, Marbo. *Relatório 1967*. Serviço de Teatro da Universidade Federal do Pará, 1967.

Revista de Teatro da SBAT. Ano XXXVII – Julho-Agosto, 1958 – nº304.

Escola de Teatro da UP encenou ontem “Pedreira das Almas”. Jornal A Província do Pará. Domingo, 23/07/1967. 2º Caderno.

Sites:

História do Cinema Brasileiro:

<http://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/ze-trindade/>

Memorial da Fama:

<http://memorialdafama.com/biografiasRZ/VioletaFerraz.html>

Memorial da Fama:

<http://memorialdafama.com/biografiasMP/MiltonCarneiro.html>

Crônicas Intemporais (2003).

Sobre o autor

Artista, ator, diretor teatral, performer, professor de teatro. Doutor em História, UFPA (2016); Mestre em Letras, UFPA (2010); Graduado em Letras, UEPA (2007). Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA (Licenciatura em Teatro e Curso Técnico de Teatro). Atua no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA. Lidera e desenvolve atividades de Pesquisa e Extensão no Grupo de Pesquisa PERAU-Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia – UFPA/CNPq.